

Um Raio Parado no Ar

Por Maurice Capovilla

Uma centena de roteiros cinematográficos, lidos na tarefa de seleção para vários concursos, me traz ao pensamento a idéia de que estamos no centro de uma crise, como tantas, não apenas financeira, comercial ou produtiva, mas muito mais grave, de criatividade.

Esses trabalhos, provindos na sua maior parte do eixo Rio - São Paulo, são projetos que se destinam à realização. Quer dizer, são textos, na sua maior parte, que se apresentam com a intenção de serem filmes brasileiros, documentários e de ficção, produzidos com apoio nacional e internacional.

O que chama atenção no conjunto, e agora vou ser claro e preciso, mas em sentido figurado, é uma falta, uma ausência, uma luz que não acende no fim do caminho e avançando na metáfora, um raio que não soa, não brilha e não fulmina o espectador possível. Fica parado no ar.

Essa sensação não provém de uma carência técnica da narrativa, o que evidentemente existe em muitos casos pela precariedade de formação sistemática e profissionalismo regular, não é fruto da proposta dos temas, em bom número sintonizados com a realidade e não se deve ao caráter dos personagens e seus conflitos dramáticos.

O que está faltando no conjunto desses roteiros, para usar um velho termo, é uma concepção cinematográfica, que Glauber generalizando chamava de "uma idéia", mas que no fundo era algo mais complexo, isto é, um sentimento, uma

intuição, uma emoção primitiva, anterior portanto ao processo que dá origem à razão, que sobe à cabeça só depois de ter passado por uma química orgânica sem explicação.

O que está faltando é a explosão interior, sem limite, sem nome, sem definição, que dá início ao processo intuitivo e racional que vai resultar na obra de arte, seja ela o filme, o romance, o poema, a música, a dança, a pintura, enfim, o gesto ou seja lá o que for que possa ser considerado uma expressão humana.

O diagnóstico está feito sem nostalgia dos anos 60, com a isenção possível e o preconceito afastado, na tentativa de determinar tendências predominantes nos processos criativos no presente momento.

O que chama a atenção em segundo lugar é o que vou chamar de "afastamento" do autor em relação ao seu tema e personagem. Não o afastamento brechtiano, crítico e inquisitivo, mas o afastamento descompromissado, envergonhado, para não dizer hostil e algumas vezes, cínico. É como se o autor não tivesse nenhuma responsabilidade sobre a história que revela, na pele de um apresentador de telejornal que narra sem querer a notícia. A história se desenrola mecanicamente, em muitos casos sem direção, em outros, num circuito oval, traçada às vezes com técnica fria e rebuscada ou de forma ingênua e primitiva. Os personagens trafegam por entre os conflitos, não sofrem, não choram, não gritam, não xingam, não berram, também não riem, não exteriorizam a



felicidade, não passam por ela, ou se passam, não percebemos, não está devidamente indicada, não é transmitida. Não falta competência, aprendizados em escolas nacionais e internacionais, histórias originais, boas intenções; sobra amorosismo, desconhecimento dos elementos básicos da linguagem audiovisual, exercitação escolar mal aprendida.(1)

O autor não se envolve emocionalmente, não torce pelo seu personagem, não entra na história, não interfere, não faz digressão para meter a colher no caldo, não assume uma posição, não sacode a estrutura dramática, jogando com o tempo ou mexendo com a perspectiva do espaço.

Não passa pelo cenário disfarçado de entregador de pizza como um Hitchcock caboclo, nem tenta enganar o espectador com falsa informação. Não assusta, não horroriza, não brinca, não causa mal-estar, não agride, não escandaliza com nú frontal ou efeito especial. Não surpreende. É totalmente neutro, seja quando sabe o que quer dizer, seja quando se revela totalmente perdido. E essas duas categorias autorais, diferenciadas pela competência ou pela incongruência com a nobre arte de contar histórias, parecem unidas pela sensação que transmitem de que não têm, dentro de si, uma "imagem" definida, qualquer que seja, do homem brasileiro, do seu contorno existencial e ideológico, capaz de revelar seus dramas sociais ou suas tragédias burguesas, os sucessos e as derrotas, os ideais e os valores morais, os princípios pelos quais vale a pena lutar, a esperança e a busca do sentido da vida, o pensamento e o sentimento do amor dos que vivem e sofrem a sua perda, elementos que compõem o drama humano e que são a matéria-prima da dramaturgia. (2)

Enfim, pelo que se vê, não estamos construindo verdadeiros personagens para nossas telas, sejam heróis ou bandidos, que expelem sangue, suor e lágrimas e pelos quais vale a pena entrar no cinema para admirar, amar ou odiar. Perdemos o humor, a graça, a ingenuidade, a sabedoria, a musicalidade, a raiz, o ser. (3)

Em última instância, estamos ficando cada vez mais distantes do nosso tempo, quer dizer, do nosso público.

Agora, o que chama a atenção por último, é que esse autor, o competente e o incompetente, o que sabe contar uma história e o que não sabe, não está em busca de nada. Perdeu o sentido da aventura que é a busca incessante do conhecimento, não tem dúvida nem curiosidade, não tem angústia nem medo pela sua ignorância, que é a morte da sua alma ou do seu espírito se for um bom materialista, enfim, perdeu o sentido da vida.

Penso que estamos perdendo mesmo é o sentido do humanismo, essa categoria de pensamento, ou melhor, esse movimento intelectual que parece ultrapassado e ambíguo, mas que serve ainda para definir e diferenciar culturalmente a humanidade.

Não sei de que forma essa perda pode afetar o ato da criação, no caso específico do cinema, mas se formos a fundo na questão vamos descobrir que, no emaranhado das doutrinas que definem o humanismo em contraposição ao teísmo, ao pragmatismo e ao agnosticismo, existe simplesmente a tese de que humanista é o ato do homem que se esforça por compreender um mundo de experiências humanas com os recursos do seu espírito, utilizando como instrumentos de conhecimento os valores culturais do seu povo e a sua língua. E é desse esforço que surge, além da ciência e da tecnologia, a expressão máxima que é a obra de arte



Notas

1. Na percepção desse "afastamento" diferenciado do distanciamento crítico, analisei várias narrativas centradas em crianças de rua. Com exceção de um roteiro, que enfocava tres personagens bem construídos e penetrava em seus dramas, os outros trabalhavam com estereótipos.
2. A neutralidade ou a isenção é rompida, em muitos casos, com maniqueísmo. Personagens retirados de fatos reais, outros construídos com superficialidade e simplismo, caracterizaria uma visão inquisitorial da história.
3. O que surpreende é a inexistência de adaptações literárias. Não se buscou a literatura como a fonte temática que tanto enriqueceu o cinema brasileiro.